

A VOLTA DE CHICO À MÚSICA

TASSO MARCELO/AE

Dois filhos de Francisco

O compositor lança *Carioca* em dose dupla, CD e DVD, com cenas de bastidores, e fala de rap, Zezé di Camargo, São Paulo



REPERTÓRIO

1. Subúrbio (Chico Buarque)
2. Outros Sonhos (Chico Buarque)
3. Ode aos Ratos (Edu Lobo/Chico Buarque)
4. Dura na Queda (Chico Buarque)
5. Porque Era Ela, Porque Era Eu (Chico Buarque)
6. As Atrizes (Chico Buarque)
7. Ela Faz Cinema (Chico Buarque)
8. Bolero Blues (Jorge Helder/Chico Buarque)
9. Renata Maria (Ivan Lins/Chico Buarque)
10. Leve (Carlinhos Vergueiro/Chico Buarque)
11. Sempre (Chico Buarque)
12. Imagina (Tom Jobim/Chico Buarque)

Marginal, invadindo o canteiro central. A cidade já não tem verde e o pouco que tem vão tirar. A cidade fica careca, não absorve a água, dá enchente, e aí vejo na televisão a cidade, que já não é bonita, paralisada, onde ninguém anda. Ao mesmo tempo chego a São Paulo e, ao contrário dos cariocas, que têm o costume de xingar, de falar mal da própria cidade, costume encontrar gente bem-humorada, que aceita essas coisas com naturalidade. Agora, a cidade urbanisticamente não deu certo. Não falo da arquitetura, porque a arquitetura de São Paulo tem coisas muito mais interessantes do que a arquitetura moderna do Rio, na Barra da Tijuca. Aquilo é uma excrescência arquitetônica.

SOFISTICAÇÃO SONORA

Há um depuramento maior, certamente. Quando faço um disco novo, quero gravar um disco novo em relação ao que já fiz. Mas não há nenhuma busca de complicações, pelo contrário. Gostaria até que fosse tudo mais simples. Quando digo que tenho de abandonar a literatura, é para conseguir encontrar de novo a linguagem da canção. Mas também discorde que a música tem de ser facilmente escutável, porque já me acostumei com a idéia de que as músicas não vão tocar no rádio. Se tocarem, vai ser por acidente. Não tenho esse compromisso, então imagino que as músicas serão ouvidas por gente que ouve um disco inteiro mais de uma vez.

SONHOS

Não é uma obsessão, mas sou muito curioso nesse assunto e guardo alguns sonhos. Tenho essas idéias de sonhos permanentemente. Tem até músicas que sonho, mas sou outro compositor quando sonho com música e às vezes acordo e a música está pronta. Mas estranhamente nunca são as minhas músicas. São sempre de outros autores, como Zeca Pagodinho e outros inventados, nunca alguma que eu pudesse aproveitar.

REMINISCÊNCIAS

A letra de *Leve* é atual, a música remete à Copacabana da minha infância, como talvez o arranjo de *Sempre* traga algum ar de anos 50. E há algo de reminiscência nesse disco, até quando se fala do título como referência ao meu apelido Carioca. Há reminiscências na letra de *As Atrizes*, que é uma música do carioca pré-adolescente que morava em São Paulo, mas é só isso. *Imagina* é um caso muito engraçado. Fiquei sabendo recentemente que era uma música de juventude do Tom. Conheci essa música durante a preparação da filmagem de *Pra Viver um Grande Amor*. E o Tom nunca me disse que essa música era antiga. Isso foi em 1982. A letra de *Leve*, não é saudosista, é juvenil. Mas fica nisso, no resto o que há são releituras. Mesmo os arranjos do Luiz Cláudio são modernos, ousados. Acho que musicalmente nesse sentido é um disco até atrevido.

O FIM DA CANÇÃO

Não fui eu que levantei essa lebre. Foi um jornalista italiano que uma vez comentou isso comigo e ele também não tinha inventado isso na hora. Alguém diz que a canção nesse formato talvez seja própria do século 20 e no século 21 pode ser que ela caia de moda, venha outra coisa. A comparação era com a ópera, típica do século 19 e não sobreviveu ao século seguinte. A música brasileira, que tinha um pé na polca, nas músicas de salão, na música dos escravos, foi se transformando, primeiro no

começo disse que essa música ia entrar no disco. Tinha a idéia de introduzir um elemento novo. E tinha pensado num rap. Mas eu não soube fazer direito e depois comecei a ficar duvidando de um pouquinho dessa idéia. Já via muito rap utilizado em comerciais e não sei quê, talvez não fosse uma boa idéia, mas era. Aconteceu que na tentativa de fazer o rap, surgiu a embolada. É parecido, só que tem melodia, mas tem o ritmo dos fraseados, as rimas internas, as aliterações, é meio um pouco Jackson do Pandeiro. Foi interessante isso, aí cobri esse buraco, achei que podia continuar cantando e experimentei isso no estúdio. O Rodrigo (*de Castro Lopes*), que é o engenheiro de som, sugeriu colocar aquela distorção na voz, que parece som de radinho de pilha. Eu gostei do efeito e tal.

CINEMA E TEATRO

O disco tem algumas músicas feitas para cinema, uma para teatro (*Ode aos Ratos*) e duas que falam de cinema, mas isso foi por acaso. Acho que ao longo da minha carreira discográfica, pelo menos a partir dos anos 70, quase sempre havia nos discos algumas músicas que eram feitas para teatro ou cinema. Eu me lembro que antes da *Opera do Malandro* ficar pronta, já tinha algumas músicas que incluí no disco anterior, porque estavam ali, de vontade de gravar. *As Atrizes* fiz em cima daquela entrevista que tinha dado para o Roberto de Oli-

ELE SE ATUALIZA COM O RAP E DIZ QUE NÃO QUER FAZER MÚSICA DE 40 ANOS ATRÁS

veira (*diretor da série da DirecTV, lançada em DVD*), falando das minhas lembranças de garoto, na minha fascinação pelas atrizes francesas, as moças nuas que vi pela primeira vez quando estive em Paris. Depois de ter falado sobre tudo isso, achei que dava um bom tema e escrevi a música, que entrou no programa. Depois, o mesmo Roberto pediu uma música para o programa dele que abordava cinema. Falei, "pô", mas já fiz. Achei que não podia fazer, porque já tinha feito, depois achei que podia fazer exatamente por isso, seria uma atualização desse tema, trazer a idéia daquela fascinação pelas atrizes para hoje. Daí fiz *Ela Faz Cinema*.

DUO COM ZEZÉ

Conheci Zezé di Camargo numa reunião com Lula e outros artistas. A idéia é dele, não minha. Ele que quis gravar *Gesubambino*, que é uma versão minha, e me convidou para gravar. Simplesmente isso. Não fui gravar de caso pensado. Foi um convite dele, que aceitei com prazer. Foi muito bonito a forma como foi feito. Mas, sinceramente, a esta altura do campeonato, não posso nem pretender atingir esse ou aquele público. Faço aquilo que tenho prazer de fazer, aquilo que eu sei fazer. O rap, sim, é uma forma de me atualizar, quer dizer, procuro utilizar os recursos modernos, tecnológicos, ou usar elementos pop na música, coisas que vão se incorporando. Isso é natural. Não quero fazer uma música de 40 anos atrás, é uma música feita agora, gravada com as condições de hoje e incorporando o que eu ouço. Não é que eu escute tanta música assim.

OUIDO MUSICAL

Ouço aleatoriamente o que me chega, ouço às vezes o que quero ouvir e o que não quero também, mas são coisas que vão impregnando meus ouvidos. Por mais que eu não queira eu ouço aquilo, tanto é que costume brincar que detesto música. Porque se eu estiver aqui conversando com você e tiver uma música tocando, não vou conseguir conversar direito porque vou ficar ouvindo aquela música, que vai ficando chata porque me atrapalha. Mas na verdade a música me suga. Então, o tempo todo estou ouvindo essa trilha sonora difusa da cidade, no rádio do boteco, no carro que o sujeito passa ouvindo alto, a música que eu ponho no meu CD, isto tudo vai se misturando com as informações antigas, porque isso você não abandona nunca. Tenho o ouvido já feito, a cabeça feita por uma quantidade grande de influências que ainda não esgotei. ●

O repórter viajou a convite da gravadora

ELE FAZ MÚSICA - "Tenho o ouvido já feito, a cabeça feita por uma quantidade grande de influências que ainda não esgotei", diz o compositor

Lauro Lisboa Garcia RIO

Ele é carioca e afirma isso não só no título, mas em várias referências geográficas e sonoras do novo álbum, o primeiro solo de canções inéditas desde 1998. Mas Chico Buarque não é bairrista e numa de suas muitas sacadas espirituosas disse que o disco é uma homenagem a São Paulo, porque foi Carioca o apelido que ganhou aqui quando morou nos anos 50. Teve gente que não entendeu a piada e, para completar, as críticas que fez ao urbanismo da cidade deram o que falar nos últimos dias. "Não sou bairrista,

só não gosto de mau humor", disse ao *Estado*. "Você mora em São Paulo? Parabéns!", zombou do repórter, às gargalhadas.

Produzido por Vinicius Franca, com arranjos e direção musical de Luiz Cláudio Ramos, *Carioca* é a primeira produção independente da carreira de Chico e foi lançado ontem pela Biscoito Fino em duas versões: CD simples e dual disc, incluindo um DVD com os bastidores das gravações. É nesse DVD que ele brinca com a homenagem aos paulistanos. Para quem não se lembra, antes de se tornar compositor e escritor, Chico estudou na FAU (Faculdade de Ar-

quitetura e Urbanismo) e foi aluno de Vilanova Artigas e Paulo Mendes da Rocha. Bem, fala sério, não há paulistano consciente que discorde de Chico quando diz que urbanisticamente a cidade está ficando cada vez pior.

Embora *Carioca* traga embutidas muitas lembranças de bons tempos de São Paulo e do Rio, Chico diz que não é um disco saudosista. Ele prepara turnê para o segundo semestre e faz uma prévia em Berlim, no dia 16 de junho, dividindo o palco com Mart'nália, dentro dos eventos musicais da Copa da Alemanha. A seguir, tópicos da entrevista em que ele discorre

sobre temas relacionados ao disco, entre reminiscências, rap, cinema, Zezé di Camargo (muitos fãs de Chico torceram o nariz quando ele aceitou o convite para gravar um dueto com o sertanejo em *Minha História*) e sonhos - tema recorrente em suas letras, que agora volta em *Outros Sonhos*, com a qual defende a descriminalização das drogas.

SÃO PAULO

Não é nem detestável, é invivível. Na semana passada fiquei lendo sobre a intenção da Prefeitura, ou sei lá de quem, de resolver o problema do engarrafamento aumentando as pistas da

maxixe, depois no samba e tal. Isso é um argumento contra mim, que procuro desmentir fazendo canções. Mas quem disse que daqui a 50 anos, olhando para trás, este disco, por exemplo, não seja tardio, um disco do século 20 que apareceu em 2006?

RAP

Essa enxurrada de revivals, compilações, de revivência de músicas do século passado, talvez seja sintoma de que hoje não é mais necessário fazer músicas novas. E talvez também o rap seja uma negação desse formato de música. Não sei se é. No caso de *Ode aos Ratos*, desde o

A VOLTA DE CHICO À MÚSICA

Sofisticação e ares de modernidade

Com maior grau de exigência, Chico recorre ao vigor da juventude, nas memórias e na aproximação com o rap

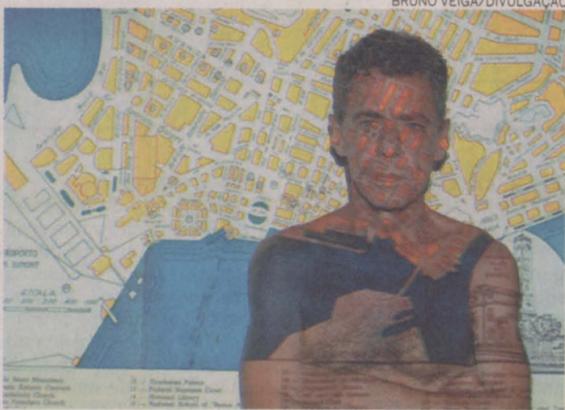
CRÍTICA

LAURO LISBOA GARCIA

Com o mesmo título de um samba do álbum *As Cidades* (1998), *Carioca* induz a uma relação de continuidade e a sensação de ouvir o outro lado, como reza a boa reportagem. De cidade em cidade, ele salta de *Budapeste*, o livro que está em fase de roteirização para virar filme, voltando da literatura à música pela memória adolescente de São Paulo e para um Rio revisitado sem romantismo desde as veias suburbanas até o balanço da zona sul. Na versão dupla, *Carioca* traz um DVD, *Desconstrução*, com os bastidores das gravações, mostrando Chico num ambiente que poucos conhecem.

Na capa do CD, ele aparece com um mapa de ruas da cidade projetadas sobre a pele, com efeito de tatuagem. É uma evidente declaração de princípios, embora na condição de artista cosmopolita esteja a salvo de ataques bairristas. *Subúrbio*, o choro-canção que abre o disco, é uma das nove faixas que têm o Rio como ponto de referência visual ou sonoro. Por este cenário, Chico também faz cinema, como a musa de uma das canções, e combina um certo glamour dos anos 50 e 60 com a 'novelha' modernidade do rap, o que contribui para eliminar algum ranço nostálgico.

Não é a primeira vez que Chico recorre ao rap. A experiência anterior foi com a cantora portu-



FEITO TATUAGEM - O mapa das ruas do Rio sobre a pele de Chico

guesa Eugénia Mello e Castro, que não chegou ao público. Agora misturando o rap com embo-lada, a sanfona de Domingui-nhos e efeitos eletrônicos em *Ode aos Ratos*, proporciona uma das melhores e mais surpreen-dentes soluções do CD, repleto de arranjos sofisticados. O crédito vai para o violonista, arran-jador e maestro Luiz Cláudio Ramos, a quem Chico confia o aca-bamento de seus discos há anos.

Das canções já lançadas por outros intérpretes não apenas *Ode aos Ratos*, mas *Dura na Que-da* e *Imagina* soam como estimu-lantes e novas, até porque tam-bém são recentes. *Imagina* conta com a voz sublime de Mônica Salmaso, que vence os desafios da intrincada melodia com de-senvoltura. Cada faixa tem seu diferencial, como o bandoneon em *Porque Era Ela, Porque Era Eu*, o arranjo de sopros em *As Atrizes*, a levada de bossa do violão em *Ela Faz Cinema*, etc. Só o

arranjo de *Renata Maria* (cujos teclados remetem aos temíveis anos 80) destoa um pouco do bom gosto geral.

Ao comentar a volta à música depois de tanto tempo voltado à literatura, Chico diz ter a sensação de começar de novo - mas, claro, com um grau de exigência que a juven-tude não pedia. Mesmo sem o natural vigor de outrora, po-rém, o Chico do século 21 pri-ma pela leveza e mantém o suspense em melodias que, embora obviamente não te-nham o impacto imediato de seus clássicos, devem ser sa-boreadas aos poucos. É só pas-sar a expectativa pelos oito anos de ausência. Essas can-ções, afinal, vêm vestidas de letras de fino acabamento. ●

estadao.com.br
Ouça trechos das faixas *Ela Faz Cinema* e *Ode aos Ratos* no site
<http://www.estadao.com.br>

CURIOSIDADES, CITAÇÕES E REFERÊNCIAS



série da DirecTV lançada em DVD. Na versão de *Carioca*, o clarinete cita *Rhapsody in Blue*, outra referên-cia a Gershwin

● O choro-canção **SUBÚRBIO** é uma espécie de versão ampliada e atualizada de *Gente Humilde*, de Garoto, com letra que Chico dividiu com Vinicius de Moraes em 1969. Desta vez, o passeio é mais extenso pelos cantos da cidade, que não figuram no mapa e dançam funk, rock, forró, pagode, reggae e hip-hop

● A letra do fox-xote **OUTROS SONHOS** traz a mais antiga reminiscência do autor. Chico recorreu aos versos de uma tradicional trova espanhola, retirada na memória de ouvir catarolar seu pai, Sérgio Buarque de Holanda

● Original da peça *Cambaio*, o baião **ODE AOS RATOS** ganhou uma intervenção de rap-embolada na nova versão. A letra cita Baudelaire

● **DURA NA QUEDA** é um samba de gafeira, lançado por Elza Soares no álbum *Do Cócix até o Pescoço*, de 2002, e traz citação de *Um Americano em Paris*, de Gershwin, no novo arranjo

● Feita para o filme *A Máquina*, que tem o próprio Chico cantando na trilha, **PORQUE ERA ELA, PORQUE ERA EU** é uma variação sobre o famoso dito "parce qu'était lui, parce qu'était moi", do filósofo francês Michel de Montaigne

● A letra de **AS ATRIZES** foi escrita sobre as reminiscências da adolescência do compositor em São Paulo. A música apareceu pela primeira vez no programa *À Flor da Pele*, sobre a temática feminina em seu cancionário, da

● Em clima de bossa nova, **ELA FAZ CINEMA**, uma das nove inéditas, remete ao Tom Jobim dos anos 60. É uma espécie de continuação de *As Atrizes*. Primeira faixa de trabalho do CD, foi para as rádios no dia 24 de abril

● Uma das melodias mais difíceis do álbum, **BOLERO BLUES** inaugura a parceria de Chico com o baixista Jorge Helder. A letra cita Vinicius de Moraes (transformado em nome de rua) e no verso 'acudir ao meu olhar mendigo'

● Primeira parceria com Ivan Lins, **RENATA MARIA** foi gravada antes por Chico, em dueto com Leila Pinheiro, no álbum *Nos Horizontes do Mundo* (2005)

● **LEVE** foi composta para Dora Vergueiro (filha de Carlinhos) que a gravou em seu primeiro CD, de mesmo nome. Segundo Chico, o bolero o remete à Copacabana dos anos 50, mas a letra é quase adolescente e isto se explica porque "foi feita para uma menina cantar"

● A primeira canção escolhida por Chico para Mônica Salmaso cantar com ele foi **SEMPRE**. Depois pediu que ela a trocasse por *Imagina*. "Achei interessante terminar um disco que se chama *Carioca*, com o sotaque paulista da Mônica."

● Valsa francesa inspirada em Ravel, **IMAGINA** foi a primeira composição assinada por Tom Jobim, quando tinha 18 anos. Foi gravada com letra de Chico pela primeira vez em 1983, por Djanira e Olívia Byington, para a trilha do filme *Para Viver um Grande Amor*

VISA

Apresenta pela primeira vez no Brasil

SALTIMBANCO
CIRQUE DU SOLEILESTREIA
3 DE AGOSTO

Successo absoluto.
Ingressos para novas
sessões, de 31/8 a 24/9,
já à venda.

Patrocinador Exclusivo:

Bradesco

TAPIS ROUGE
CIRQUE DU SOLEIL

Um espaço diferente que vai te surpreender. Você ganha o programa do Saltimbanco, garante sua vaga em estacionamento privativo e ainda desfruta de um coquetel diferenciado, com todo o conforto, antes do espetáculo. Gostou? Então acesse: www.ticketmaster.com.br

Realização:

cie
Brasil

Apresentações:

Rua Chedid Jafet esquina com
Juscelino Kubitschek - Vila Olímpia

Vendas:

ticketmaster
BRASIL11 6846 6000
www.ticketmaster.com.brFormas de pagamento: dinheiro e cartões Visa.
Sujeito à taxa de conveniência.